

Público

06-10-2016

Periodicidade: Diário

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 51453

Temática: Política

Dimensão: 1481 cm²

Imagem: S/Cor

Página (s): 12/13

Marcelo: "Há casos a mais e princípios vividos de menos"

Na cerimónia do 5 de Outubro, o Presidente da República escolheu o tema da ética republicana e deixou avisos sérios à classe política: "O exemplo dos que exercem o poder é fundamental"

Implantação da República Leonete Botelho

Marcelo Rebelo de Sousa escolheu centrar na ética republicana, tema caro aos socialistas, o seu primeiro discurso do 5 de Outubro como Presidente da República. Numa intervenção recheada de avisos sérios à classe política, o chefe do Estado afirmou que "a razão de ser das desilusões" dos portugueses é "o cansaço por haver casos a mais e princípios vividos de menos".

"De cada vez que um responsável político se deslumbra com o poder, se acha o centro do mundo, se permite admitir dependências pessoais ou funcionais, se distancia dos governados, aparenta considerar-se eterno, alimenta clientelas, redes de influência e de promoção social, económica e política, de cada vez que isso acontece, aos olhos do cidadão comum é a democracia que sofre, é o 5 de Outubro que se empobrece ou esvazia", sublinhou. Uma referência abstracta mas que assenta a políticos envolvidos em processos judiciais por corrupção ou tráfico de influências, como Isaltino Morais ou Armando Vara, já condenados, ou José Sócrates e Miguel Macedo (sob suspeita).

A conclusão é clara e o Presidente tira-a: "O exemplo dos que exercem o poder é fundamental." E recordar o 5 de Outubro "é dar o exemplo constante de humildade, proximidade, de frugalidade, de independência, de serviço dos outros, de todos os outros", para que "mais portugueses possam rever-se na República democrática".

No rescaldo de casos como os das viagens de três secretários de Estado a jogos do Euro 2016 pagas pela Galp, que tanto o incomodaram, o Presidente foi pedagógico ao referir que "o poder político deve evitar confusão ou promiscuidade com o poder económico, assim garantindo a sua isenção e credibilidade".

"O 5 de Outubro está vivo", afirmou logo no início, referindo a condição natural do republicanismo: "Está vivo o princípio de que todo o poder político é temporário, não se transmite por herança nem comporta a escolha do sucessor."

Acabara de falar Fernando Medina, presidente da Câmara de Lisboa que chegou ao cargo quando António Costa o deixou para assumir a liderança do PS. Mas a referência directa era a comparação com a monarquia, que diria depois ser uma questão encerrada em Portugal há 50 anos.

"Está vivo o princípio de que todo o poder político é limitado, sujeito a controlo por outro poder político e sempre pelo povo", prosseguiu, lembrando a hierarquia dos poderes constitucionais que coloca Parlamento e Governo sob a fiscalização do Presidente da República, único cargo unipessoal e de eleição directa, sem intermediação de partidos e movimentos.

Lições da República

Numa referência que faz lembrar o seu discurso do 10 de Junho sobre as elites, o chefe do Estado salientou que "todo o poder político nasce do voto popular, deve preocupar-se com a proximidade relativamente à fonte de legitimação, cumpre uma missão ao serviço da comunidade, não é propriedade de ninguém: pessoa, família, clã, classe, partido, grupo cívico, religioso, cultural ou económico".

Aos princípios originais, o Presidente juntou lições que a República aprendeu nestes 106 anos: "Aprendeu que liberdade sem democracia e sem Estado social é liberdade imperfeita. Aprendeu que sem democracia sem autonomias regionais e locais, sem descentralização e desconcentração é democracia fraca e despida de participação cívica."

Antes, Fernando Medina tinha referido a efeméride citando Raul Proença: "A República é uma ideia, um facto de consciência, uma afirmação moral." Nas palavras do autarca,



Na primeira intervenção no 5 de Outubro, Marcelo pediu à classe política uma actuação exemplar

"um referencial de aspiração colectiva". O homem que hoje se sabe ter representado o líder do PS nas reuniões embrionárias da "geringonça" fez questão de afirmar que "a nova maioria parlamentar está a contribuir para a normalização da vida do país e está a aproximar os cidadãos das instituições políticas".

E aproveitou para dar uma resposta de esquerda aos repetidos apelos

do Presidente da República no sentido do investimento e do crescimento económico. "Ao contrário do que alguns julgam, a coesão não vem depois do crescimento. A coesão é condição para o desenvolvimento, pois sociedades fracturadas não conseguem assegurar as forças vivas das modernas economias."

leonete.botelho@publico.pt

Público

06-10-2016

Periodicidade: Diário

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 51453

Temática: Política

Dimensão: 1481 cm²

Imagem: S/Cor

Página (s): 12/13



**A coesão não vem depois
do crescimento.
A coesão é condição
para o desenvolvimento**

Fernando Medina
Presidente da Câmara de Lisboa

“Comemoradores” da República

Análise João B. Serra

“Os portugueses são maus comemoradores”, disse Jorge Sampaio ontem na Praça do Município de Lisboa. Referia-se à ausência de participação popular nas comemorações do 5 de Outubro. A ausência da dimensão cívica da comemoração prendeu-se com a fragilidade da cultura histórica, transversal à sociedade portuguesa, agravada entre as

classes dirigentes que parecem viver num espécie de eterno presente. Hobsbawm escreveu que a destruição da memória histórica era um dos fenómenos mais lúgubres do nosso tempo.

Mas há factores particulares que dificultaram a sobrevivência da memória da República de 1910. A ditadura e o autoritarismo moveram-lhe um processo sistemático de segmentação e descrédito. Os construtores da democracia encararam-na com incomodidade, quando não

com desconfiança ou mesmo hostilidade. O regime instituído pela Constituição de 1976 não foi estruturado, em nenhum aspecto fundamental do modelo de governo, sob inspiração da Constituição de 1911. Os pais fundadores da Democracia pós-1974 foi noutra experiência e textos que procuraram inspiração.

Como se explica então a relativa unanimidade do discurso político em torno da matriz republicana do actual regime? No seu discurso, Marcelo Rebelo

de Sousa pressupôs consumada a identificação entre a Democracia Constitucional e a República. Deu exemplos: a limitação dos mandatos, a legitimação pelo voto, a independência do poder político. E apelou ao revigoramento de uma ética republicana como combate à desconfiança ou desafeição dos cidadãos em relação à democracia.

Em suma, crise da democracia reaproximou a Democracia da República e dos seus valores. Uma monarquia podia viver de uma tradição e uma aristocracia da

vontade de poder. Uma República só pode viver da dedicação dos seus cidadãos porque é feita por eles. Isso faz dela o mais poderoso elemento de coesão nacional, face à crise. E, quem sabe, se não será outra vez no quadro do Estado-Nação, onde o republicanismo se armou ideologicamente, que não redescobriremos a *res publica*, sem o que não saberemos desafiar a incerteza?

Historiador e chefe da Casa Civil de Jorge Sampaio em Belém